

Miguel Kruse e sua igreja beuronense: uma nova linguagem visual para a fé de São Paulo

*Klency Kakazu de Brito Yang*¹

DOI 10.20396/eha.vi14.3458

Nenhum monge pode estimar e respeitar os princípios de Beuron mais sinceramente do que eu. Por razões externas e internas, sou de parecer que os mesmos devem vigorar e ser observados com exclusividade nos mosteiros brasileiros!² - Miguel Kruse.

Este trabalho apresenta a Restauração Beneditina Brasileira realizada pela Congregação de Beuron, no sul da Alemanha, que permitiu a continuidade desta ordem religiosa no Brasil, observando a personalidade empreendedora do restaurador de Westfalia, Miguel Kruse, que estabeleceu uma nova cultura visual para a cidade e para a arte religiosa local.

A cidade de São Paulo e os beneditinos

Em 1549, os colonizadores portugueses e a Santa Sé enviaram ao Brasil missionários franciscanos, jesuítas, e padres seculares do Hábito de São Pedro para o fim de dar assistência espiritual aos colonos.³ Portugal era uma nação católica e estendeu o seu poder político aos religiosos, estes passaram a tratar da representação administrativa portuguesa em suas colônias. “Os monges beneditinos, sem embargo dos projetos missionários dos seus superiores, vieram ao Brasil, a pedido do povo da Bahia, por insistência dos moradores de Salvador, sede do Governo-Geral e foco irradiador da civilização na Terra de Santa Cruz”.⁴ A chegada dos beneditinos foi uma solicitação dos colonos residentes na capital do Brasil, Salvador, uma vinda distinta do projeto de catequização dos índios, os beneditinos vieram para o atendimento espiritual aos moradores.

As igrejas eram espaços religiosos, que representavam a fé local, e, também, defendiam os interesses da metrópole portuguesa na colônia. Os registros de nascimento, batismo, matrimônio

¹ Universidade Federal de São Paulo - Unifesp, mestre em História da Arte, Bolsa Capes.

² SCHERER, op. cit.: pág. 49.

³ Cfr. NUNES, 1988.

⁴ NUNES, op. cit.: pág. 11.

e perecimento marcavam os sacramentos cristãos durante a vida do colono, estes locais se tornaram o arquivo civil da comunidade. Neles, as relações sociais, culturais e econômicas dos moradores foram observadas. Estes arquivos religiosos permanecem como uma fonte primária que atesta as relações civis do período colonial e imperial no país, no entanto, estes arquivos são privados e de acesso restrito.

A expansão beneditina no Brasil ocorreu seguindo esta cronologia: em 1581, os beneditinos se estabeleceram em Salvador da Bahia; cinco anos depois no Rio de Janeiro; em 1590-92, em Olinda; em 1596, na Paraíba; em 1598, em São Paulo. Na Capitania de São Vicente, houve quatro priorados em: Santana do Parnaíba (1643), Santos (1650), Sorocaba (1660) e Jundiá (1668)⁵. Menos de vinte anos depois do seu desembarque no Brasil, os beneditinos tinham mosteiros nas diferentes regiões do país.

A Ordem Beneditina estabeleceu-se em São Paulo num local nobre e estratégico. O Senado da Câmara da Vila de São Paulo cedeu o local onde havia sido a taba do Cacique Tibiriçá em doação perpétua.^{6,7} Mais tarde, no século XIX, este local e os bens da comunidade tornaram-se alvo de disputa entre os políticos e os religiosos diocesanos que desejavam tomar posse deste patrimônio quando a Ordem Beneditina entrou em crise.

No século XVIII, o bandeirante Fernão Dias Paes, conhecido como o “Caçador de Esmeraldas”, e sua esposa foram protetores dos beneditinos e financiaram a construção de sua igreja.⁸ Como era o procedimento da época, em agradecimento, os monges sepultaram o casal dentro da igreja. Após a construção da nova basílica, seus corpos foram exumados e transferidos para a nova nave.

Era comum aos devotos abastados doarem aos religiosos seus patrimônios após a sua morte, em troca de seu sepultamento, de missas e orações. Esta tradição permitiu o crescimento patrimonial dos religiosos: “Vendidas por 16 contos de réis, as tres [sic.] Fazendas abrangiam em conjunto o perímetro total de mais ou menos 70 km., a saber, São Bernardo 23km., Jurubatuba 33km. e São Caetano 14 km [...] uma *área* total aproximada de 113 km²”.⁹

O fundador da Ordem Beneditina foi São Bento de Núrsia (ca.480 - ca.547), “Pai dos monges do Ocidente”. A Regra Beneditina norteou a conduta dos religiosos nos diferentes mosteiros e conventos sob recomendação do Papa Gregório Magno (ca.540 - 604). Lembramos que na ordem bene-

5 Cfr. NUNES, op. cit.

6 Cfr. NUNES, op. cit.

7 Cfr. MOSTEIRO DE SÃO BENTO, 1977.

8 Id.

9 MOSTEIRO DE SÃO BENTO, 1977, pág. 192.

ditina não existe o voto de pobreza adotado por outras ordens religiosas, a Regra não o menciona.

Segundo Ruy Nunes, “Os beneditinos em São Paulo sempre foram poucos numerosos”¹⁰, fato confirmado por Afonso Taunay: “Não conhecemos época [...] em que a comunidade (de S. Paulo) haja atingido mais de oito membros [...] Jamais chegaram todos os monges da Capitania, nos cinco mosteiros, a mais que quinze”¹¹. No final do século XIX, São Paulo contava com um único monge para os cinco mosteiros do estado.

No início do século XX, na Bahia, o Abade Geral Domingos da Transfiguração Machado chamou Miguel Kruse e solicitou sua ida imediata para São Paulo, ele anunciou: “O Abade de São Paulo acha-se enfermo, no leito de morte. Se não se enviar imediatamente para lá um sacerdote, há o perigo de que com sua morte [...] o governo confisque os bens da Ordem, alegando não serem de ninguém”.¹²

A preocupação era legítima, pois para muitos paulistanos, a era dos frades havia se acabado e havia um desejo, tanto do governo como da igreja diocesana, de uso das propriedades que pertenciam aos beneditinos. Sem herdeiros, as propriedades passariam para o governo local, seguindo a tradição da “Mão Morta”. Segundo o advogado Agostinho Neves de Arruda, os bens dos mosteiros eram propriedade nacional: “Extinguindo-se a antiga Congregação, esses bens deviam ser incorporados ao patrimônio nacional”.¹³

Em 1900, Kruse assumiu o Mosteiro de São Paulo com a penosa missão de proteger os bens e os patrimônios da ordem beneditina local.

Mihuel Kruse e a restauração religiosa

Heinrich Kruse nasceu em Stuckenbrock, em 17 de junho de 1864, filho de Fernand e Madalena Euers, primogênito de uma família de quatro irmãos (Heirinch, Ferdinand, Johann e Teresa). Com a morte precoce dos pais, os irmãos foram morar com um parente distante em Fokelhof, porém, sua fazenda foi atingida por um raio e se incendiou, provocando a separação dos irmãos, que foram abrigados por diferentes famílias.¹⁴

Aos dezoitos anos, com os mosteiros fechados na Alemanha, ele seguiu para os Estados

10 NUNES, op. cit., pág. 13.

11 TAUNAY, 1927, pág. 47

12 SCHERER, op. cit., pág. 68.

13 Cfr. SCHERER, op.cit.

14 Id.

Unidos, pois havia se encantado com os “...impressionantes noticiários das grandiosas fundações monásticas dos beneditinos, empreendidas pelo Abade Bonifácio Wimmer na América do Norte”.¹⁵ Bonifácio Wimmer, do Mosteiro de Metten, fundara o Mosteiro de St. Vicent, e o empreendimento estadunidense prosperava, tanto que em quatro décadas, cinco grandes mosteiros foram fundados¹⁶. Os Mosteiros germânicos estavam fechados devido a Revolução Cultural, o *Kulturkampf*.

Embora, Kruse desejasse ser beneditino, ele não foi aceito no noviciado e acabou entrando para o sacerdócio em 1887, tornando-se padre na paróquia de Jipijapa, no Equador. Em 1894, retornou aos Estados Unidos, se naturalizou e assumiu o reitorado de São Luis, em Cadwell, região com 4 milhões de habitantes entre Nova Iorque, Brooklin e cidades vizinhas.¹⁷

Em pensamento, Kruse sempre se voltava ao exemplo missionário das fundações do Abade Wimmer.¹⁸ Esta vocação missionária o levou a ingressar no Mosteiro de Olinda e a participar da Restauração Religiosa que ocorria pela Congregação de Beuron. Em 1897, Heinrich Kruse se apresentou ao religioso Ulrico Sonntag, no Mosteiro de Olinda e se candidatou ao noviciado: “Sempre tive o desejo de me tornar beneditino e outrora, por ocasião de uma grave enfermidade, também o prometi por voto, a São Bento. Desejo agora, como membro da Ordem, procurar a salvação da minha alma”.¹⁹ Em 1898, realizou sua profissão de fé com o nome de Miguel.

A Restauração da Congregação Brasileira ocorreu quando o abade geral Frei Domingos da Transfiguração Machado, solicitou ajuda a Santa Sé. O Papa Leão XIII solicitou para que a Congregação de Beuron cuidasse deste assunto. Interessante observar que existia um grupo beneditino ativo e forte nos Estados Unidos, que poderia ter realizado esta missão com facilidade, pois, ele tinha precedentes de trabalhos na América Latina, conhecendo o clima tropical e as dificuldades culturais e políticas dos países ao sul.

Em 1895, se iniciou a Restauração da Congregação Beneditina Brasileira com a chegada de beuronenses de diferentes mosteiros: Beuron, Maredsous, Seckau e Maria Laarch. Eles desembarcaram em Olinda sob o comando do belga Gerardo van Coloen do Mosteiro de Maredsous.

O Mosteiro de São Paulo foi o terceiro a ser restaurado, após Olinda e Bahia. Aqui chegaram: Dionísio Verdin; os noviços: Lourenço Lumini, Odilo Otten, Meinrado Mattmann; dois postulantes brasileiros, um irmão leigo e alguns postulantes a irmãos leigos, em 12 de setembro de 1900.²⁰

15 Id.

16 Cfr. SCHERER, op. cit.

17 Cfr. SCHERER, op. cit.

18 Id.

19 SCHERER, op. cit., pág. 48.

20 Cfr. SCHERER, op. cit.

A Basílica Beneditina de Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo

Em 1905, Miguel Kruse visitou o Mosteiro de Beuron.²¹ Neste mesmo ano, o grupo de monges-artistas da Escola de Arte de Beuron participou da Secessão de Viena, e a Teoria Estética de Lenz, sobre Arte Religiosa, foi publicada pelos Nabis, com tradução de Paul Sérusier (1864-1927) e introdução de Maurice Denis (1870-1943).²²

A Escola de Arte de Beuron (c. 1870) foi fundada pelo Abade Mauro Wolter (1825-90) e os artistas egressos da Escola de Artes de Munique, o escultor e arquiteto Peter Lenz (1832-1927) e o pintor Jacob Wüger (1829-92). Posteriormente, estes artistas tornaram-se religiosos com os nomes de Desiderius Lenz e Gabriel Wüger.²³

Estes dois artistas foram alunos do Nazareno Peter von Cornelius (1783-1867) que os indicou para uma bolsa de viagem para a Itália pelo Governo da Prússia. Em 1963, chegaram na Itália de Pio IX e juntaram-se aos Nazarenos.

Estes jovens desejavam o retorno da produção artística medieval e idealizaram um “mosteiro de artistas” onde se fizesse a produção coletiva da arte, em especial, a religiosa. Este sonho era compartilhado pela pintora Amalie Bensinger (1809-1889), eles procuraram o desenvolvimento deste ideal com os Nazarenos, porém, a ideia não vingou junto ao líder do grupo, Friedrich Johann Overbeck (1789-1869).²⁴

Peter Lenz seguiu para o Mosteiro de Beuron, onde construiu uma capela votiva com o patrocínio da Princesa Katarina Hohenzolern-Sigmaringen (1817-1893), a Capela de São Mauro (1870). Após o término deste trabalho, a Escola de Arte tornou-se referência num estilo de arte peculiar, a arte beuronense, que foi realizada em diferentes locais, dentro e fora dos muros beneditinos.

A arte beuronense procurou resgatar o feitiço da arte sacra valorizando a geometria na sua produção, visando alcançar uma pureza visual que proporcionasse condições de conectar o fiel a Deus. A questão geométrica era primordial no cânone lenziano e remetia o fazer artístico dos povos antigos, em especial, os gregos e os egípcios. Para Lenz, as formas, as medidas, as cores, as figuras em sua natureza mais simples e básicas eram as mais nobres e puras, as que melhor representavam o sagrado:

21 Id.

22 Cfr. YANG, 2017.

23 Cfr. YANG, 2017.

24 Cfr. METKEN, 1977.

a raiz (está) nos números simples e medidas, permanecendo o básico em toda arte; e medir, contar e pesar continua sendo a mais importante atividade na arte. O objetivo de toda arte elevada é a transmutação, a aplicação característica da geometria, aritmética, formas básicas simbólicas da natureza a serviço das grandes ideias²⁵

Em 1913, a Escola de Arte de Beuron trabalhou em Monte Cassino na ornamentação da cripta e do refeitório deste Mosteiro. Nesta ocasião, Miguel Kruse convidou o artista (pintor, escultor, músico e arquiteto) belga Adelbert Gresnicht para desenvolver o programa litúrgico para sua recém construída igreja em São Paulo.

Em 1910, a antiga igreja colonial beneditina em taipa foi demolida. Das igrejas do triângulo religioso, a dos franciscanos e a dos carmelitas preservaram sua característica colonial, a dos beneditinos, não. A igreja foi substituída por uma construção neorromânica.

Miguel Kruse se espelhou no trabalho de Bonifácio Wimmer para os beneditinos estadunidenses. Ele desejava que sua obra refletisse a nova fase dos religiosos em São Paulo, a construção do mosteiro e da igreja precisavam representar a tradição beneditina, a sua força e solidez.

Para a construção da igreja nova, Kruse chamou o arquiteto e professor da Universidade de Munique, Richard Berndl. A proposta de Berndl incluía a igreja, o mosteiro, a escola e faculdade de São Bento. Nas primeiras décadas do século XX, quando a paisagem urbana ainda era horizontal e haviam poucos edifícios rasgando o horizonte da cidade, a construção neorromânica de Berndl foi um referênciã com suas altas torres, num local onde prevalecia a arquitetura das igrejas coloniais em barro (taipa de pilão).

O programa visual litúrgico foi realizado por Gresnicht, e executado por ele com auxílio de Clement Freischauf. Talvez, haja a presença de um terceiro religioso, com Lukas Reicht, cuja a presença e atuação estão em sendo averiguadas, pois nada consta na historiografia atual do mosteiro.

As pinturas murais realizadas no mosteiro seguem o modelo da Escola de Arte de Beuron, com características autorais dos seus monges-pintores. A pintura monumental sacra germânica foi uma novidade na sociedade paulista, foi recebida com admiração por se tratar de uma produção de arte desconhecida, sendo considerada moderna e inovadora.

As imagens do Calvário, no centro da abside, foram produzidas pelo escultor alsaciano Heirinch Waderé (1865-1950) bem como as imagens dos altares laterais de São Bento, São José e São João Baptista em pedra artificial, e a do Sagrado Coração de Jesus em madeira, que se encontra no

25 LENZ, 2002, pág. 16, (tradução nossa).

altar votivo dentro da igreja. No lado externo, a imagem de três metros de São Bento no frontispício da fachada e a os dois anjos com martelos que batem as horas, todas elas em bronze.²⁶

Seis sinos de 14 toneladas vieram da cidade de Lauinger, e de Mungen, o órgão.²⁷ As esculturas dos apóstolos que se localizam na nave da igreja foram realizadas pelo escultor e pintor belga Adrian Henri Vital van Emelen (1868-1943) e os vitrais foram produzidos pela Casa Meyer de Munique.²⁸

As figuras em pedra na mesma lateral da edificação de Frei Mauro Teixeira, Padre Anchieta e Amador Bueno foram realizadas por Mantovani.²⁹ Adelbert Gresnicht produziu o programa litúrgico visual para a igreja, os medalhões de bronze da lateral do templo, de Fernão Dias Paes, Frei Domingos da Transfiguração Machado e do Papa Leão XIII, todos produzidos na Fundação Artística Paulistana de Sinos.³⁰

A Arte da Escola de Beuron em São Paulo inspirou a pintura em outras igrejas como a de Nossa Senhora do Rosário em Campinas, construída entre 1889-1913 e demolida em 1956.³¹ As pinturas beuronenses neste local foram realizadas por Thomaz Scheuchl que consta no registro de artistas de Beuron com o nome de Leopold. Quando Leopold Scheuchl desistiu da vida religiosa, ele retomou o nome de batismo em sua assinatura artística, sendo conhecido como Thomaz ou "*Herr Scheuchl*"³². Scheuchl perdeu sua primeira esposa em 1910, período da restauração da igreja de Emaus, em Praga; quinze anos antes de sua perda, ele havia trabalhado com Gresnicht em Saint Gabriel³³, onde desenvolveram laços de amizade que podem ter incentivado a vinda de Scheuchl para o Brasil.

Sobre a recepção da pintura de Beuron em São Paulo, entendemos que o resultado foi positivo pois ela foi replicada em outras igrejas beneditinas e diocesanas. O caso da igreja de Nossa Senhora do Rosário realizada por Scheuchl confirma esta questão positivamente.

26 Cfr. MOSTEIRO DE SÃO PAULO, 1977.

27 Cfr. MARINO, 1988.

28 Cfr. FAGUNDES JUNIOR, 2009.

29 Cfr. MARINHO, op. cit.

30 Cfr. MOSTEIRO DE SÃO PAULO, op. cit.

31 Cfr. PARÓQUIA DO ROSÁRIO DE CAMPINAS.

32 Cfr. ARQUIVO DE BEURON, p.84, 1895.

33 Id.

Considerações finais

A Congregação Beneditina Brasileira não teria sobrevivido à sua crise e o seu patrimônio centenário teria se dispersado, se não houvesse a Restauração Religiosa realizada pela Congregação de Beuron, que foi solicitada pelo Papa Leão XIII ao Abade Primaz Hildebrando de Hemptinne.

A produção visual desenvolvida por Miguel Kruse reflete seu empenho e sua personalidade empreendedora que legou escolas, hospital, igrejas, mosteiros e conventos à cidade de São Paulo. Ele participou ativamente para a construção de uma São Paulo “moderna”.

A basílica de Nossa Senhora da Assunção construída em estilo neorromânico trouxe torres pronunciadas que marcaram a verticalização religiosa da cidade. Quanto ao complexo do Mosteiro de São Bento no centro da cidade, permanece como uma referência de religião, educação, cultura e arte.

A recepção da arte beuronense foi positiva, sendo replicada em outras igrejas da cidade. O Canto Gregoriano como rito litúrgico implementado por Kruse, permanece como característica da cultura beneditina paulistana. A Basílica abriga obras de diferentes artífices e artesãos, onde a presença belgo-germânica é forte e convive com obras centenárias anteriores a nova construção.

Ao estabelecer a sua igreja, Kruse dialogou tanto com os anseios da sociedade emergente, como os dos imigrantes europeus e dos religiosos beneditinos (restauradores e brasileiros). Ele trouxe uma linguagem artística inédita (arquitetônica, musical, visual) para este momento dos beneditinos, conquistando o respeito e a admiração dos paulistanos, estabelecendo uma nova linguagem visual e artística para a arte religiosa local.

Referências Bibliográficas

- ARQUIVO DE BEURON. *Registro da Escola de Arte de Beuron*, Documento Q64. Arquivo da Arquibadia de Saint Martin, Beuron, 1895.
- FAGUNDES JUNIOR, Carlos Eduardo Uchôa. Cultura e fé em São Paulo: arte e arquitetura. In: PEDRO, Celso. *São Paulo: O apóstolo e a cidade* (org.). São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- LENZ, Desiderius. *The Aesthetic of Beuron and other writings*. London: Francis Boutle Publishers, 2002
- MARINO, João (coord.). *Mosteiro de São Bento de São Paulo*. São Paulo: Companhia Antarctica Paulista/Mosteiro de São Bento – São Paulo, 1988.
- METKEN, G. *Die Nazarener. Städen*. Städelschen Kunstinstitut. Frankfurt, 1977, pp. 323-325.
- MOSTEIRO DE SÃO PAULO. *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo*. São Paulo: O Mosteiro, 1977. Transcrição do manuscrito original de 1766 por Martinho Johnson.
- NUNES, Ruy. A Abadia que Cresceu com São Paulo. In: MARINO, João (coord.). *Mosteiro de São Bento de São Paulo*. São Paulo: Companhia Antarctica Paulista/Mosteiro de São Bento – São Paulo, 1988.
- PARÓQUIA DO ROSÁRIO DE CAMPINAS. Disponível em: <<http://paroquiadorosariocampinas.org/library/ppts/historia.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.
- SCHERER, Michael Emílio. D. *Miguel Kruse, abade do Mosteiro de São Paulo, 1864-1929*. Munique: Academia Beneditina Bávara/Mosteiro de São Bonifácio, 1963. Tradução desconhecida, divulgação interna, acervo bibliográfico do Mosteiro de São Bento de São Paulo.
- TAUNAY, Afonso de E. *História Antiga da Abadia de São Paulo (1598-1772)*. São Paulo: Tipografia Ideal, 1927.
- YANG, Klency, 2017 YANG, K. *A Pintura beuronense na Basílica do Mosteiro Beneditino de São Paulo: 1914-1923*. Lisboa: Novas Edições Acadêmicas, 2017.